

Cadernos **IHU**ideias



JESUÍTAS BRASIL

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 19 • nº 316 • vol. 19 • 2021



“Ecologia com espírito dentro”:
sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno

Nicole Soares Pinto



UNISINOS

Cadernos **IHU***ideias*

“Ecologia com espírito dentro”: sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno

Nicole Soares Pinto

Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília e professora
do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade
Federal do Espírito Santo - UFES

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 19 • nº 316 • vol. 19 • 2021



Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: Pedro Gilberto Gomes, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XIX – Nº 316 – V. 19 – 2021

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marlene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Fragmento da obra da pintora Carmêzia Emiliano (SESC Divulgação)

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues e Ricardo Machado

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003). – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003. . v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil

“ECOLOGIA COM ESPÍRITO DENTRO”: SOBRE POVOS INDÍGENAS, XAMANISMO E ANTROPOCENO

Nicole Soares Pinto

Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília e professora do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Agradeço o convite, a honra de participar do IHU ideias e as questões que surgiram na ocasião da comunicação¹. O tema deste ensaio é “Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno” abordado desde uma perspectiva etnográfica. A expressão “ecologia com espírito dentro” faz uma brincadeira com a definição de Tim Ingold, da Antropologia, de “filosofia com gente dentro”. Mas também pretende apontar a irredutibilidade e a pertinência da categoria de sobrenatureza quando o assunto é pensar a crise ambiental planetária desde uma perspectiva etnológica. Pertinência a que primeiro me atentei a partir da leitura do filósofo Marco Valentim sobre o livro *A Queda do Céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert². Este teria como tema principal, segundo Valentim, a sobrenatureza espectral dos brancos: “dedicado à tarefa de tornar-lhes manifesta a sua própria imagem e agência sobrenatural, para si mesmos oculta devido ao seu pensamento ‘cheio de esquecimento’”³. Sob a perspectiva indígena, a crise climática pode ser lida na chave da “sobrenatureza da catástrofe”, na

1 Em março de 2021, na série IHU Ideias. Agradeço a João Vianna pela leitura e comentários críticos ao manuscrito, e a Breno Duarte pela transcrição das falas de André Kodjowoi Djéromitxi citadas no texto.

2 KOPENAWA, D. & ALBERT, B. 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução de B. Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras.

3 VALENTIM, Marco Antônio. 2018. *Extramundandade e Sobrenatureza. Ensaios de ontologia fundamental*. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, p. 254.

importante e reveladora expressão do autor, de que me valho como inspiração da presente comunicação⁴.

Minha contribuição ao tema se deve à interlocução que tenho cultivado com os Djeoromitxi (povo de língua Macro-Jê) e o conjunto de povos a eles aparentados e moradores da Terra Indígena Rio Guaporé, em Rondônia. São os povos do conjunto multiétnico e plurilíngue conhecido como Complexo do Marico⁵, originários dos afluentes da margem esquerda do médio rio Guaporé, na Amazônia meridional, cujo curso forma a parte da divisa entre Brasil e Bolívia, entre eles os Wajuru, Makurap, Tupari, Aruá, Arikapo, e outros mais recentemente conhecidos, os Cujubim, Kanoé e Massacá. Meu interesse é expor a discussão do antropoceno e suas cascatas de extinções à crítica dos conceitos e mundos indígenas. Como afirma a etnógrafa Deborah Bird Rose:

A crise de extinção é muito real. As taxas de extinção são talvez dez mil vezes a taxa de fundo [...] Quando os cientistas nos oferecem números, eles estão falando de um tipo de medida de presença verificável ou, em certo sentido, de ausência presumível. Tais números são um proxy para o qual vale a pena prestar atenção. Entretanto, o que está realmente ocorrendo é mais terrível do que os números indicam. Há as extinções funcionais, as cascatas de extinção, os vórtices de extinção; essas são maneiras pelas quais, quando as coisas começam a escorregar por esse caminho da morte, outras coisas comecem a ir também. As relações se desdobram [unravel], as mutualidades vacilam, a dependência torna-se um perigo em vez de uma bênção, e mundos inteiros de conhecimento e prática reduzem. Estamos olhando para mundos de perdas [worlds of loss] que são muito maiores do que os números de extinção das espécies sugerem. [...] A perda é ao mesmo tempo devastadora e dificilmente compreensível⁶.

Tomando atenção à devastação, creio ser preciso habitar sua incompreensibilidade na presença dos povos para quem a catástrofe já aconteceu (e não para de acontecer). O que acontece (e pode vir a acontecer) se pensarmos esse grande e multifacetado tema do Antropoceno desde uma economia perspectivista/multinaturalista, onde tudo (humanos e tudo o que não é humano) é potencialmente sujeito, e diferente de si mesmo?

4 VALENTIM, Marco. "A Sobrenatureza da Catástrofe", Revista Landa, v. 3, n.1, 2014, pp: 3-25.

5 MALDI, Denise. 1991. "O complexo cultural do marico: sociedades indígenas do rio Branco, Colorado e Mequens, afluentes do médio Guaporé". Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Antropologia), vol. 7, nº 2, pp. 209-269.

6 ROSE, Debora. 2017. "Shimmer: When All You Love Is Being Trashed". In: GAN, Elaine; TSING, Anna; SWANSON, Heather; BUBANDT, Nils (ed.): Arts of living on a damaged planet: Ghosts of the anthropocene. University of Minnesota Press, pp: 51-64, p. 52.

⁷Concentro-me nos modos e dispositivos xamânicos de relação com as potências cósmicas, seres cuja existência e dignidade ontológica balançam ou desordenam entendimentos não indígenas sobre a Terra e seus entes e, consequentemente sobre vida e morte, extinção e humanidade.

Esses dispositivos são baseados na precedência do ponto de vista do Outro e a diferença de perspectiva como a matéria de que o mundo e as relações são feitos. Mundo para o qual a duplicidade é a “lei de todo ser e todo acontecimento”⁸, pois, a cada evento, a natureza do Eu reenvia à sobrenatureza do Outro. “Não esquecendo”, como afirmou Tânia Stolze Lima na conceitualização do problema da perspectiva envolvido na caça aos porcos entre um povo Tupi Guarani no Xingu, os Yudjá, “que tais conceitos são necessariamente dependentes do ponto de vista de alguém, isto é, funcionam como categorias relacionais”⁹. Aqui, minha abordagem do Antropoceno frente à questão do xamanismo amazônico não passará pelo registro dos procedimentos de cura de corpos de parentes adoentados, encantações contra doenças, fórmulas e poéticas xamânicas – o que seria um ótimo caminho, mas que no momento não posso atender –, e sim por refletir, no sentido de evidenciar, alguns dos pressupostos desta duplicidade e relacionalidade de que nos fala Lima, que conformam uma matriz relacional Outrem¹⁰.

O desafio de pensar o Antropoceno em termos não ocidentais parece necessário porque o perigo de uma história única¹¹, com um único protagonista/sujeito, já foi muitas vezes realçado. A partícula antropos no nome antropoceno não está livre desta história única e universal, é então preciso disputá-la. *Stay with the human trouble*, como diz Deborah Bird Rose¹², utilizando e torcendo os termos de Donna Haraway. Foi por optar em permanecer com tal problema, creio, que Eduardo Viveiros de Castro afirmou, num texto recente¹³, que o desafio atual para a antropologia seria o de conectar a evocação e implicação de uma variedade de modos de

7 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”. *Mana* 2(2): 115-144, 1996.

8 LIMA, Tânia Stolze. O Dois e Seu Múltiplo: reflexões sobre perspectivismo em uma cosmologia tupi. *MANA* 2(2):21-47, 1996, p. 35.

9 Ibidem, p.36.

10 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O Nativo relativo”. *Mana* 8(1):113-148, 2002, p. 118.

11 Empréstimo o título do TED Talk de Chimamanda Adichie. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lHs241zeg>

12 ROSE, Deborah. 2017.op. cit., p. 55.

13 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2019. “On Models and Examples: Engineers and Bricoleurs in the Anthropocene”. *Current Anthropology*, Volume 60, Supplement 20, pp: 296-308.

existência com a “refiguração anamórfica do planeta quando visto de dentro”, como observado por Arènes, Latour e Gaillardet¹⁴.

Com a ideia do planeta quando visto de dentro, Viveiros de Castro se referia ao que comumente se chama emergência ou intrusão de Gaia; com “refiguração anamórfica”, imagino, remetia a um estilo de arte representada de forma que, quando observada de frente, parece distorcida, tornando-se identificável somente através de determinado ângulo. Mas anamorfose também pode ser pensada como um ganho de complexidade: esse parece ser o seu uso mais comum em estudos de ecologia. Costurando esses dois sentidos possíveis, quais seriam, pois, esses ângulos em que podemos observar a Terra de dentro e de que forma a “complexidade aparece”? Anna Tsing, Andrew S. Mathews e Nils Bubandt¹⁵ afirmam que “Muitos tipos de sistemas merecem esfregar-se uns contra os outros na compreensão da Patchy Antropoceno – não apenas modelos ecológicos e teorias de economia política, mas também aquilo a que poderíamos chamar [...] cosmologias não seculares”¹⁶. Convido vocês a testarmos essa sugestão ou “esfregão”.

Segundo James Lovelock, a Teoria de Gaia é baseada em uma visão da Terra que a considera um sistema autorregulador constituído pela totalidade de organismos, rochas de superfície, oceanos e a atmosfera. Estes “estão firmemente acoplados como um sistema de evolução com o objetivo da regulação das condições de superfície, de maneira a ser o máximo possível favorável à vida contemporânea”¹⁷. Desde sua hipótese, sabe-se que a vida não se desenvolveu a partir de uma atmosfera dada, mas que a própria vida ajudou a criar a atmosfera: os seres cocriam as suas condições de existência. Junto à bióloga Lynn Margulis, a hipótese de Gaia tornou-se a Teoria de Gaia. Para Bruno Latour e Timothy Lenton:

a novidade introduzida na noção de Terra pelos esforços conjuntos de Lovelock e Margulis consiste em conceder historicidade e agência a todas as formas de vida, ou seja, atribuir às próprias formas de vida

14 Arènes, Alexandra, Bruno Latour, and Jérôme Gaillardet. 2018. Giving depth to the surface: an exercise in the Gaia-graphy of critical zones. *Anthropocene Review* 5:120-135.

15 TSING, Anna; MATHEWS, Andrew S.; BUBANDT, Nils. 2019. “Patchy Anthropocene: landscape structure, multispecies history, and retooling of anthropology: Patchy Anthropocene: Landscape Structure, Multispecies History, and the Retooling of Anthropology An Introduction to Supplement 20”. *Current Anthropology*. V. 60 (supl. 20), pp. 186-197.

16 Ibidem, p. 187.

17 LOVELOCK, James. Gaia: alerta final. Tradução de Vera Paula Assis, Jesus de Paula Assis. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2010; p. 244.

a tarefa de criar as condições para durar no tempo e expandir-se no espaço¹⁸.

Para Maniglier, “Gaia é verdadeiramente uma manta de retalhos e não um domínio, esfera, região ou entidade unificada [...] Gaia não é apenas um novo ser; é um novo tipo de ser”¹⁹. Este novo tipo de ser não pode ser apreendido de um ponto de vista único e impede o tempo todo a emergência de um observador universal. Gaia, assim, é única, mas não possui a totalidade, integridade e transcendência que as imagens usuais do planeta Terra como mecanismo ou organismo pressupõem. Trata-se de um tipo de entidade reticular, lacunar, dispersa, distribuída, para a qual não há precedente, nem comparação possível²⁰. Gaia é “constituída pela agência enredada e discordante de inúmeras formas de vida”²¹. Enredamento como convergência sensível de efeitos de diversos entes e discordância ontológica talvez sejam os conceitos em que podemos nos agarrar na tentativa de consideração “[d]o quadro último em que toda política real é feita, o quadro da imanência terrestre”²².

Para tal, uma rota que nos interessa aqui é como, de que forma e sob quais pressupostos, os povos indígenas, em particular os Djeoromitxi, registram e contraefetuem experiências de uma terra alterada (i.e., invadida, envenenada, alagada, fissurada, extraída, aquecida, animicamente intoxicada) e as equivocações e conflitos onto/epistemológicos que daí advêm. A hipótese que vou testar aqui com vocês é a seguinte: frente às catástrofes produzidas pelo ocidente, os povos indígenas nos oferecem uma outra espécie de política cósmica que, paradoxalmente, não toma o ocidente – e seu pressuposto do excepcionalismo humano – como o centro de seu mundo, ainda que o tome seriamente. Essa política cósmica apresenta obrigações, modos de receber e negociar surpreendentes quando o assunto é lidar com conflitos, perdas, depredação ambiental e catástrofes.

Desmatar versus “conversar com o mundo”

Ao abordar formas neoliberais, i.e., contemporâneas, de enquadramento da diferença social, Elizabeth Povinelli defende estarem tais for-

18 LATOUR, Bruno & LENTON, Timothy. 2019. “Extending the Domain of Freedom, or Why Gaia Is So Hard to Understand”. *Critical Inquiry*. V. 45 N. 3, pp: 659-680, p. 664.

19 MANIGLIER, Patrice. “Cuántos Planetas Tierras: El giro geológico en antropología”. In: AVA, 29, dezembro 2016.

20 Ibidem.

21 Viveiros de Castro, 2019, op. cit.

22 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2011. “Desenvolvimento econômico e reenvolvimento cosmológico: da necessidade extensiva à suficiência intensiva”. *Sopro*, v. 51, p. 4-15, p. 6.

mas baseadas em uma “acumulação pela despossessão”, produzindo, por consequência, um “proletariado sem terra” obrigado a viver em “bolsoes de abandono”²³. Esse modo contemporâneo de acumulação se deve à articulação entre estado, mercado e império, permitindo, segundo a autora, que “a matança de todos os projetos sociais que não produzem formas mercantis de vida seja justificada”²⁴. Numa interpretação paralela, Achille Mbembe²⁵ traça uma linha de continuidade possível entre a forma peculiar de terror que surgiu nas colônias sob o regime do apartheid, e o tipo de nexos entre Estado, grupos armados não estatais e empresas transnacionais hoje presentes nas pós-colônias. O autor identifica uma “organização heterônima de direitos territoriais”, permitida pela eclosão de “máquinas de guerra”. Tais “máquinas” combinam as funções de organização política e empresa comercial, e seriam baseadas numa variedade de redes transnacionais. Suas operações são caracterizadas por saques, capturas e depredações dos recursos naturais, de um lado, e a taxaço, imobilizaço, ou dispersão de populaçoes inteiras de seus territórios, quando não na transformaço dessas populaçoes em “rebeldes, crianças-soldados, vítimas ou refugiados, civis incapacitados por mutilaço ou simplesmente massacrados ao modo dos sacrificios antigos”²⁶, de outro lado.

Pensando nessas constataçoes, é possível afirmar que “desmatamento” para a implantaço de monoculturas e o estabelecimento de grandes propriedades é um modo de realizaço da transformaço apontada por Mbembe: a produço de refugiados, mutilados, incapacitados, massacrados, mas não só humanos (o ponto do autor), também não humanos, sem refúgio, sem terra. Como uma violenta simplificaço de paisagens e de vidas humanas e não humanas, para Anna Tsing (2018), as monoculturas do tipo plantation refizeram – e refazem – uma imagem racializada da humanidade²⁷. Elegeu-se “o humano” como um reino superior e à parte – isto é, fora de arranjos multiespecíficos –, dividindo-o: “Mantendo suas casas livres de mofo, mosquitos e miscigenaço, as mulheres brancas nos trópicos se tornaram modelos da alienaço de espécies e subespécies”²⁸. Na argumentaço da autora, esse tipo de domesticaço de mulhe-

23 POVINELLI, Elizabeth. 2011. *Economies of Abandonment: Social Belonging and Endurance in the Late Liberalism*. Durham & London: Duke University Press, p. 18.

24 Ibidem, p. 28.

25 MBEMBE, Achille. 2018. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceço, política de morte*. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 ediçoes.

26 Ibidem, p. 58.

27 TSING, Anna Lowenhaupt. 2018. “Margens indomáveis”. *Piseagrama*, Belo Horizonte, número 12, pp. 02-11.

28 Ibidem, p. 6.

res e plantas na circunscrição de espaços livres de agentes considerados “patogênicos” revelam a propensão imperial em considerar a diversidade biológica e social como excessiva, pois “na maioria dos lugares existe uma correlação negativa entre, de um lado, a diversidade e, de outro, a intensidade de investimento de capital e controle do Estado²⁹. O argumento é alinhavado numa frase potente e reveladora: “nossa forma de ser uma espécie é realinhada para barrar os Outros na porta de casa”³⁰. Desmatamento é uma forma não só de interditar espaços para os Outros, mas de invadir o espaço dos Outros. A floresta é a “casa” dos povos indígenas e de todos os outros entes com quem eles convivem.

De acordo com o Relatório Anual do Desmatamento 2019 do MAP Biomas Alerta³¹, foram identificados, validados e refinados 56.867 alertas em todo o território brasileiro, resultando em 1.218.708 hectares (12.187 km²) de desmatamento. O conceito de desmatamento merece atenção: é considerado “desmatamento” a supressão total ou quase total de vegetação nativa. Não entram nessas estimativas a derrubada de árvores isoladas, o manejo de áreas por fogo na abertura de roças, por exemplo. Em 2019, 63% da área desmatada está localizada no bioma Amazônia, com uma área total de 770 mil ha. O bioma Cerrado aparece em seguida, totalizando 408,6 mil ha, seguido pelo Pantanal com 16,5 mil ha, Mata Atlântica com 10,6 mil ha, Caatinga com 12,1 mil ha e Pampa com 642 ha. Mesmo que muito chocantes, esses dados “constituem um valor conservador que ainda subestima a área total desmatada”³².

Vejamos ainda um dado completamente alarmante sobre essa pesquisa: mais de 99% dos alertas de desmatamento validados (96% em área) não possuem autorização de supressão de vegetação nativa, cadastrada no Sistema Nacional de Controle de Origem dos Produtos Florestais, e são, portanto, atos ilegais. “Segundo dados do Ibama de 2018, estima-se que menos de 1% das áreas desmatadas na Amazônia entre 2005 e 2018 foram repreendidas por multas, ações civis públicas e embargos”³³. Do total de áreas desmatadas, 77% correspondem em área a imóveis rurais; 12% em área sobrepõem-se integralmente ou em partes com Unidades de Conservação (UC); e 3,6% em área com Terras Indígenas (TI)³⁴.

Note-se ser a taxa de desmatamento em Terras Indígenas consideravelmente a menor. Por isso torna-se importante afirmar que a demarca-

29 Ibidem, p. 9.

30 Ibidem, p. 7.

31 Relatório Anual de Desmatamento 2019 - São Paulo, SP - MapBiomas, 2020 - 48 páginas.

32 Ibidem, p. 6.

33 Ibidem, p. 7.

34 Ibidem, p. 6.

ção de Terras Indígenas é essencial para uma política ambiental séria no país. Ordenamento territorial e política ambiental atuais que seguem sendo desmontados na nossa frente: segundo um estudo liderado pelas ecólogas Mariana Vale e Rita Portela, da UFRJ, foram 57 mudanças que enfraqueceram regras de preservação ambiental desde o início de 2019, dispositivos legais que se encaixam nas categorias de “desregulação” e “flexibilização”³⁵. Lembremos que a mudança nas regras de licenciamento ambiental, via aprovação da Lei Geral do Licenciamento Ambiental, tem sido qualificada como agenda prioritária desde que o novo presidente da Câmara assumiu³⁶. Uma ofensiva conjunta, se considerarmos ainda a Instrução Normativa de 09/2020 da Fundação Nacional do Índio (Funai), que autoriza a certificação de terras privadas em áreas indígenas não homologadas, contestada em vários estados pelo Ministério Público Federal; e a mais recente Instrução Normativa 01/2021/Funai e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), publicada em 24 de fevereiro, que inclui a participação de não indígenas em empreendimentos nas Terras Indígenas e a possibilidade de dispensa de licenciamento ambiental.

Recentemente, uma investigação da emissora BBC realizada pelo jornalista João Fellet, cujos resultados estão reunidos no documentário “Amazônia à venda”³⁷, revelou um esquema de venda ilegal pelo site Facebook de grandes porções de terra dentro de Unidades de Conservação Integral e Terras Indígenas em Rondônia, cujos anúncios prometiam um bom lugar para a criação de gado.

Mas quando o desmatamento visto desde “o alto” – por imagens de satélite, mapas e gráficos, é visto “de dentro”? Como disse Kretã Kaingang em 04/06/2020 na Frente Parlamentar Mista em Defesa dos Povos Indígenas e Meio Ambiente: “O meio ambiente é tudo para nós, cada Terra demarcada é a volta de biodiversidade, da floresta, dos bichos, da água limpa e quando você não demarca você leva o desmatamento, a poluição e o garimpo”.

André Kodjowoi Djeoromitxi, tentando traduzir alguns dos pressupostos de seu mundo em uma aula para uma turma de graduação em

35 GARCIA, Rafael. “Novo estudo comprova a ‘boiada’ de Salles na área ambiental”. *Jornal O Globo* de 10 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/sustentabilidade/novo-estudo-comprova-boiada-de-salles-na-area-ambiental-24876410>. Último acesso: 11/03/2021.

36 DI CUNTO, Raphael e RIBEIRO, Marcelo. “Lira promete priorizar pauta ruralista: Presidente da Câmara pretende destravar os projetos do agronegócio”. *Valor Econômico* de 02 de março de 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/03/02/lira-promete-priorizar-pauta-ruralista.ghml>. Último acesso: 11/03/2021.

37 Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=QpTMqTo_ycc. Último acesso: 11/03/2021.

Ciências Sociais na Universidade Federal do Espírito Santo, no final de 2017, afirmou o seguinte:

Nós acreditamos que existe muita doença, não é porque tem ou existe doença, é porque há muito desmatamento e acaba que os Donos da floresta e dos rios estão ficando com raiva, vai ter muita chuva, vai ter muito relâmpago, vai ter erosão, vai ter tudo, porque não se respeita a natureza. [...] o meu pai dizia: 'Nós vamos todos adoecer, porque tem tanta queimada, estão queimando várias folhas que são venenosas e nós vamos sofrer as consequências'. E não está distante disso não, a gente realmente sofre as consequências de desmatamento!

Adoecimento indígena, desmatamento, ignorância e inconsequência dos Brancos: triste e preciso diagnóstico. Ainda mais nos tempos pandêmicos que estamos vivendo, em que a origem zoonótica de vários vírus é advinda de ambientes extremamente perturbados pela ação humana³⁸. Esses espíritos Donos referidos por Kodjowoi estão ficando com raiva por presenciarem seus lugares de vida destruídos pelos não indígenas: os raios, chuvas, erosões são os índices de sua vingança. “Os outros não humanos que têm ideias também são perigosos e se você não os recebe da forma que é exigida de você, acaba gerando fúrias”³⁹, como diz I. Stengers.

Estes seres Donos são vistos pelos pajés em forma humana e são visitados diplomaticamente em suas malocas. O fundo do rio é uma aldeia, a floresta idem, visíveis e acessíveis na experiência de um corpo preparado para isso, o corpo dos pajés. Os corpos dos pajés djeoromitxi são constituídos internamente por “objetos” que se revelam pessoas, animais e armas distintas quando os especialistas xamânicos entram em combates oníricos com espíritos malfazejos⁴⁰. Os Donos são seres ciosos e cuidadosos com aquilo que criam, que fazem crescer os animais de caça, os peixes nos rios, e a sua casa (as árvores cujo fruto coletamos, as rochas, os barrancos de rio). Esses Donos empreendem uma guerra de resistência, uma guerrilha, contra “humanos” desavisados ou maldosos, os não indígenas em sua maioria. Os “aliados políticos” dos espíritos Donos nessa guerra de resistência contra a destruição são os povos indígenas e seu modo correto de criar parentes que escutam e são aconselha-

38 WALLACE, Rob. 2016. Big Farms Make Big Flu: Dispatches on Influenza, Agribusiness, and the Nature of Science. Monthly Review Press

39 DIAS, Jamille Pinheiro; BORBA, Maria; VANZOLINI, Marina; SZTUTMAN, Renato; SCHALVEZON, Salvador. 2016. “Uma ciência triste é aquela em que não se dança. Conversações com Isabelle Stengers”. Rev. Antropol. São Paulo, Online, 59(2): 155-186, p. 176.

40 Soares-Pinto, Nicole. Como possuir uma taboquinha? Sobre a composição corporal dos pajés djeoromitxi. Campos 16(1):75-98, 2015.

dos pelos mais velhos como coexistir com essas potências. A floresta é em si um magnífico campo de batalha pela vida.

A experiência aborígine na Austrália pode ser aqui transposta pois, tanto lá como cá, “a terra existe como um conjunto interconectado de lugares”⁴¹, do fundo do rio, ao interior da mata, às cidades dos brancos. No caso djeoromitxi, esse conjunto sustenta uma estranheza, pois seus elementos são marcados por linhas de diferenças de perspectivas, com as quais é preciso lidar o tempo todo na persistência de uma aldeia e de um coletivo de parentes. Assim, a fundação, manutenção e refundação de casas e aldeias dos humanos ou qualquer pescaria, caçaria, expedições na mata para coleta de frutos, viagem para cidade, envolve a virtualidade da presença desses espíritos Donos, colocando aos povos indígenas a questão de como garantir e manter um lugar propriamente seu (uma aldeia), e um corpo propriamente humano (em seus termos, logicamente) ao coexistir com esses seres e seus lugares. “Para nós tudo tem um Dono, então tudo tem um lugar”, afirmou certa vez para mim o professor Armando Moero.

Com coexistir “propriamente”, entenda-se em termos “apropriados”, não em termos “proprietários”. Pois a coexistência indígena está sustentada por uma ética do conhecimento, do cuidado e da não apropriação; ela é contra a propriedade, justamente: a terra não é um recurso, não pode ser cercada. Como afirma Davi Kopenawa, “Na floresta, a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós, os Xapiri, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol! Tudo o que veio à existência na floresta, longe dos brancos; tudo o que ainda não tem cerca”⁴². O xamã dedica seu livro a nos revelar a potência catastrófica da “cerca” que somos nós, os brancos, os não indígenas. Sobre essa outra tradição (a não indígena) de relação com a terra, o geógrafo Kenneth Olwig afirma:

Nomos é a medida pela qual a terra [land] em uma determinada ordem é dividida e situada; é também a forma de ordem política, social e religiosa determinada por este processo. É uma espécie de precursor do Capitaloceno, mas moldado sob uma luz modernista positiva. O que é a propriedade sob esta perspectiva? É um espaço, que é uniforme em seu próprio contexto econômico, mas que não existe realmente no esquema maior da vida terrestre [earthly life]⁴³.

41 ROSE, Deborah Bird. 1996. *Nourishing Terrains: Australian Aboriginal Views of Landscape and Wilderness*. Australian Heritage Commission.

42 KOPENAWA, D. & ALBERT, B. 2015.op. cit, p. 480.

43 HARAWAY, Donna; ISHIKAWA, Noburu; SCOTT, G., OLWIG, K., TSING, A. L. & BUBANDT, N. 2016. “Anthropologists Are Talking – About the Anthropocene”. *Ethnos: Journal of Anthropology* 81:3: 535-564, p. 558.

De outro lado, o que existe nesse esquema da vida terrestre de coexistência que estamos tentando nos aproximar? Retomando as palavras de Kodjowoi na ocasião da aula para a turma de alunos das Ciências Sociais da UFES, ele continuou desta forma:

O xamanismo para nós é o pajé. Ele é “acima de tudo” dentro da comunidade. Então, com o pajé nós vivemos a vida da floresta. Na floresta, ele é uma pessoa que convive com os donos da floresta e assim nós nos envolvemos com a floresta, por exemplo, nós Djeoromitxi pensamos que a floresta é um outro mundo, nós consideramos que mata é um outro mundo, o mato tem um dono, as árvores mais grossas têm outro, tudo é considerado como uma aldeia, como outra vida. É por isso que nós Djeoromitxi conseguimos nos envolver com isso, para nós não existe doença, a doença só existe quando desrespeita o meio ambiente ou animal ou a floresta. Então, esse é o pajé, ele convive com esse povo da floresta, então nós conseguimos conversar com o mundo.

Ecologia com espírito dentro. Os corpos indígenas, cada pessoa de um povo, são deliberadamente construídos para sustentarem-se nessa teia de relações coexistenciais que conectam os mais diversos seres em uma dupla dimensão, a dimensão natural e sobrenatural de todo e qualquer evento: o vórtex da vida dos povos da floresta e que está expressa na capacidade indígena de conversar com o mundo, que Kodjowoi ressalta.

Evidentemente essa capacidade nos envia ao tema do animismo, importante na divisão filosófica ocidental entre povos ditos primitivos e os ditos civilizados. A questão foi abordada pela filósofa Isabelle Stengers:

Minha prática e minha tradição me situam de um determinado lado da divisão, o lado que caracteriza os “outros” como animistas. “Nós”, do nosso lado, presumimos ser aqueles que aceitam a difícil verdade de que estamos sozinhos em um mundo mudo, cego, mas cognoscível – um mundo do qual teríamos a tarefa de nos apropriar. Não me esqueerei, em especial, de que o lado da divisão em que me encontro continua marcado não apenas por essa narrativa épica, mas também, e talvez de forma ainda mais crucial, pelo seu correlato moral: ‘não retrocederás’⁴⁴.

Resistindo a tal narrativa épica e seu mandamento, a filósofa intenta reclamar ou reativar o animismo, isto é, tomá-lo como “um nome a serviço da recuperação de certos agenciamentos”, dado que o animismo “afirma o que todos os agenciamentos exigem para não nos escravizar: que não

44 STENGERS, Isabelle. 2017. “Reativar o Animismo”. Tradução Jamille Pinheiro Dias. Chão da Feira. Caderno de Leituras nº62, p. 3.

estamos sozinhos no mundo”⁴⁵. Vale notar que a opção pela não escravidão está colocada desde o início dos tempos para os Djeoromitxi. O demiurgo Küropsi forneceu ao branco um pedaço de metal, uma arma de fogo; “para os outros [os indígenas], ele confeccionou flechas” e dizia que “[...] os índios iriam levar uma vida boa e feliz, isto é, sem patrões. Os brancos, por sua vez, seriam muito inteligentes e inventivos, mas viveriam estressados e tristes, posto que escravizariam uns aos outros”⁴⁶. Para a filósofa, por seu turno, o correlato moral seria também fruto de uma decisão, e reclamar o animismo – reativar os agenciamentos de que necessitamos para não nos escravizarmos – implicaria menos nos tornarmos algo que já tenhamos sido (ninguém nunca foi animista, ela nos lembra, “porque nunca se é animista no geral”) e mais em lidar com as consequências da decisão em permanecer em um lado da distinção Nós e Outros onde ainda “há muito trabalho a se fazer”.

Extinção e/ou afastamento

Para pensar a permanência de um lado da divisão onde ainda há muito trabalho a se fazer em termos da afirmação de que não estamos sozinhos no mundo, gostaria, por fim, de trazer um momento que presenciei no ano de 2013. Estávamos na aldeia Baía das Onças (T.I. Rio Guaporé) reunidos em festa após o trabalho coletivo de limpeza de roça, quando o pajé Neirí se dirige para sua mãe, dizendo que iria contar um sonho da noite anterior. Neirí havia visitado Tohõ, o Sol.

Tohõ recebeu Neirí em sua casa. Sentado em seu banco e portando seu chapéu, lhe contara que estava muito envergonhado e pensava inclusive em ir embora. Com sua luz, Tohõ vê tudo o que acontece aqui na terra, e tem observado a recorrência das brigas, violências e mortes entre as pessoas. Aliado a este fato, Tohõ estava realmente aborrecido com “as fábricas, as químicas e as queimadas” dos eré (não indígenas). Toda a poluição estava prejudicando sua visão e o seu “suspiro”, sua respiração. Tohõ, que lá de cima consegue ver tudo aqui embaixo, não estava mais respirando bem. O pajé sonhador tentou argumentar, dizendo-lhe que ele não poderia abandonar os filhos que ele mesmo havia criado. Seu comentário não surtiu muito efeito, pois Tohõ retrucou: “Antes vocês me davam colar e chapéu, me agradavam. Agora, estou ficando doente e envergonhado! Vou embora”.

45 Ibidem, p. 15; grifo meu.

46 SOARES-PINTO, Nicole. 2014. Entre as Teias do Marico: parentes e pajés djeoromitxi. Tese de Doutorado, PPGAS, Universidade de Brasília, p. 97-99.

Neirí acordou preocupado e observou que naquele dia Tohō demorou a aparecer no horizonte, e, quando o fez, estava fraco. Registrando a dimensão sensível do seu sonho, em sua exegese o pajé sublinhou sua preocupação com a possibilidade da partida definitiva do Sol e o início (e/ou a volta) de um mundo completamente escuro e podre, como era nos tempos de antigamente, aquele que chamamos de mítico. Neste tempo, o primeiro Sol caiu do céu como uma arara abatida, e deste evento sucedeu-se uma longa noite durante a qual todos os seres tornaram-se antropofágicos: “Quando ele morreu, os não humanos [hipfopsihi/espíritos malignos] chegaram nas casas comendo criança, adulto; as mulheres gestantes viravam onças e comiam os maridos, tudo se levantou, até ossos dos animais que já tinham sido comidos, como de porco, anta, veado e outros animais, tudo virava onça para comer o povo”⁴⁷. Até que por fim esse novo Tohō, antigo cacique e pajé da aldeia, se estabeleceu no firmamento.

Naquele dia não tivemos muito tempo para conversar sobre o sonho de Neirí pois, logo em seguida, ele observou que seu pai havia acabado de chegar numa outra casa próxima dali. Levantou-se para “saber o que ele queria” e foi ao encontro de seu pai. Eu fiquei no terreiro sentada, pensando no sonho, na chegada do pai de Neirí. Um detalhe importante é que, nesta ocasião, o pai de Neirí havia morrido há cerca de dois anos. Trago esse “detalhe” para realçar o fato de que o sonho de um pajé e o estado de vigília não são incomensuráveis nem tampouco descontínuos. Pelo contrário, sonho e vigília podem apresentar uma continuidade ontológica completamente assombrosa: o sonho de um pajé, tanto quanto suas ações em vigília, são uma “questão de vida e morte” para seu coletivo de parentes, como nos diz Mauro Almeida em um artigo sobre conflitos ontológicos e caipora⁴⁸.

Para apontar algumas das consequências deste sonho para nossa decisão em permanecer de um lado da grande divisão, vou me socorrer primeiramente na abordagem de Bird Rose. Para a autora, a inegável força de sentimento e conexão com a terra pelos aborígenes australianos está menos nos informando sobre “paisagem” do que demonstrando compromissos ônticos e epistêmicos completamente surpreendentes. Trata-se de uma política sobre o que existe e quem/o que pode conhecê-lo⁴⁹. Falando sobre extinções a partir do ponto de vista aborígene, a autora

47 JABOTI, André. 2019. Produção de Material Didático Bilingue: aspectos culturais do povo Djeoromitxi (Djeoromitxi hñõ nõtxi), Especialização em Educação Escolar Indígena, Departamento Intercultural, UNIR, p. 84-5.

48 ALMEIDA, Mauro. “Caipora e outros conflitos ontológicos”. Revista de Antropologia da UFS-Car, v.5, n.1, jan.-jun., p. 7-28, 2013.

49 ROSE, Deborah Bird. 1996. op. cit.

ressalta uma ética de parentesco e cuidado dentro de uma família multiespecífica. Com esta ética vem também um fardo: “o compromisso de testemunhar os mundos cintilantes, animados, poderosos e interativos que cavalgam as ondas do poder ancestral”⁵⁰.

A aproximação que sugiro com o projeto social que os aborígenes australianos sustentam está também centrada em alguns princípios de tal “projeto” evidenciados por E. Povinelli:

As coisas existem através de um esforço de atenção mútua. Este esforço não está na mente, mas na atividade de resistência; as coisas não nascem nem morrem, embora possam se afastar umas das outras e mudar de estado; ao se afastarem umas das outras, as entidades se retiram do cuidado umas das outras⁵¹.

Meus interlocutores indígenas nunca dizem que alguém morreu, mas que “fulano foi embora”. Desde que cheguei em campo, em novembro de 2008, surpreendi-me com a frequência com que as pessoas chegavam até mim para contar sobre a morte de algum parente próximo, a maneira e a ocasião em que tinha ocorrido, em detalhes minuciosos. Esses eram os primeiros relatos que eu escutava quando conhecia alguém. Eventos tão pesados, na minha percepção, dificilmente deveriam ser contados a um desconhecido. Percebi, contudo, que as condições de minha presença ali incitavam esses relatos. Estar sozinha, num local muito distante, longe dos meus parentes, colocava a dúvida quanto a se realmente eu os tinha, ou se, fato mais provável, eu os havia perdido recentemente. A primeira conexão estabelecida comigo era, do ponto de vista deles, uma espécie de compartilhamento do estado de luto – uma interrupção dos cuidados entre os parentes. Mesmo depois de muitas voltas ao campo e de saberem que meus parentes, em sua maioria, estavam vivos, eu continuava despertando esses relatos. Percebi desde então uma relação entre distanciamento e morte, encapsulada numa curiosa frase de um amigo Wajuru sobre um parente morto: “Depois que ele morreu, a gente se afastou”. E morrer é, justamente, andar/seguir por um caminho, hinō wi, na língua djeoromitxi, o caminho dos mortos. Desmatamento (ou incêndios criminosos) é uma forma de afastar os seres dos cuidados uns dos outros, cortar redes de relações de maneira abrupta, com muita tristeza envolvida.

A possível decisão de Tohō em se ir embora nos coloca diante de uma “desdramatização da vida humana” por meio da politização das relações cósmicas. Desta forma, podemos tomar o sonho de Neirí como um

50 ROSE, Deborah Bird. 2017, op. cit, p. 53.

51 POVINELLI, Elizabeth. *Geontologies: A Requiem to Late Liberalism*. Durham and London: Duke University Press, 2016, p. 49-50.

“manifesto contra uma redução antropocêntrica da cosmologia”⁵². Esta desdramatização e a responsabilização que dela advém pode permitir abrir novas questões⁵³ para pensarmos “diante de Gaia”⁵⁴, entre elas não só a “sobrenatureza da catástrofe”, mas “a catástrofe da sobrenatureza”, levantando questões insuspeitas para nós sobre vida e morte. Retomando o tempo mítico no instante contemporâneo de um sonho de pajé, estamos diante de uma ideia de morte e extinção como afastamento espacial de um ser cósmico, de um retirar-se dos cuidados uns dos outros. “Conversar com o mundo”, no nosso caso em análise, supõe que temporalidade e espacialidade possam entrar em estado de metamorfose ou transformação recíproca, e sequencialidade e simultaneidade não se oponham absolutamente.

A resposta de Tohō, rememorando a antiga prática djeoromitxi de oferecer-lhe presentes, não excluía a sua vergonha pelas violências entre as pessoas, nem pelas doenças causadas pelas fábricas e pelo desmatamento: pelo contrário, Tohō articulava essas duas condições. Esse sonho conecta inextricavelmente genocídio e destruição ambiental; violência entre “humanos” e condições pauperizadas de habitabilidade. Como disse a filósofa Juliana Fausto, “O Antropoceno, mais que uma era geológica, é sistema de governo: regime de exceção”⁵⁵. Com a suplementaridade de que a partida do sol revela um compromisso e um diagnóstico indígena não exclusivamente endereçado às ações não indígenas. A descontinuidade da prática djeoromitxi de oferecer-lhe presentes é o motivo definitivo pelo qual Tohō está prestes a se afastar. “Troca” com um ser cósmico que os não indígenas, “para nunca retroceder”, nem cogitam um dia terem realizado. Os povos indígenas responsabilizam-se diante das forças cósmicas, tomando o ocidente seriamente, mas nem por isso concedendo-o centralidade. Com isso, sustentam o compromisso de testemunhar tanto a vitalidade da terra e suas redes coexistenciais, quanto a extinção/morte como a descontinuidade de relações de troca e cuidado entre os seres por meio de um afastamento.

Se formos capazes de nos responsabilizarmos frente ao sonho com o Sol, passado, presente e futuro, como o entendemos, se desordenarão, assim como o espaço adquirirá qualidades topológicas. Um sol fujão, co-

52 Como afirma o filósofo Marco Valentim sobre as palavras do xamã Davi Kopenawa: VALENTIM, Marco Antônio. 2018. *Extramundandidade e Sobrenatureza. Ensaios de ontologia infundamental*. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie.

53 Povinelli, op. cit, 2016, p. 50.

54 Tomo emprestada a expressão de Bruno Latour que intitula o conjunto de conferências do autor sobre o tema do Antropoceno.

55 FAUSTO, 2014. Os desaparecidos do Antropoceno. In.: *Os mil nomes de Gaia. Do Antropoceno à idade da Terra*. Rio de Janeiro, p. 3.

mo experiência xamânica, é completamente compatível com a teoria de gaia, ainda que sob pressupostos e meios de verificação distintos. O sonho de Neirí não me deixa tranquila, mas também não para de me atrair: por sua estranheza, de um lado, e por sua verossimilhança em relação aos fatos que estamos vivendo, de outro lado. É um sonho tão turbulento quanto verossímil. Ele nos coloca frente a um mundo de uma diferença imensa e, no entanto, continuamente construída e sustentada pelos povos indígenas frente a nós. Diferença que nenhum conhecimento unificando poderá se apropriar, nenhum regime de verdade poderá exaurir, mas que todo tipo de conhecimento precisará conviver. Tratar-se-ia do “acordo entre ciências globais e ciências locais sem englobar metafísicas locais como variações de metafísicas globais”⁵⁶, mas também sem esquecer que essa divisão só faz sentido do ponto de vista das ciências globais, como sempre nos lembra M. Strathern acerca de alguns dualismos.

“Convivência”, portanto, entre conhecimentos que admitem “concordância pragmática e incomensurabilidade ontológica”⁵⁷ não enquadrados em “regimes de tolerância ou ceticismo desencantado”⁵⁸. Para I. Stengers, “o espaço ‘cosmopolítico’ onde [...] podem se afirmar juntos é o do encontro entre as esperanças e as dúvidas, os medos e os sonhos que despertam e que fazem existir”⁵⁹. Sensivelmente enredados e ontologicamente discordantes, os nossos sonhos e aqueles do pajé djeoromitxi se esfregam de alguma forma.

56 ALMEIDA, Mauro. “Anarquismo Ontológico e Verdade no Antropoceno”. ILHA: Florianópolis, v. 23, p. 10-29, 2021, p. 11.

57 Ibidem, p. 25.

58 STENGERS, I. *Cosmopolitiques I: La guerre des science*. Paris: La découverte/Les empêcheurs de penser en rond, 1997, p. 8.

59 Ibidem.



Nicole Soares-Pinto. Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2014) e mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná (2009). Pesquisa entre povos indígenas de língua tupi-tupari (Wajuru) e língua macro-jê (Djeoromitxi), rio Guaporé/ sudoeste amazônico, desde 2007. Seus interesses de pesquisa atuais dizem respeito à relação entre povos indígenas, terra e Antropoceno. Possui experiência em projetos de proteção de direitos indígenas. É líder do grupo de pesquisa Gaia: Núcleo de Estudos dos Povos da Terra (UFES), vice-líder do Organon (UFES), do Cineclube Aldeia: Pesquisa e Extensão em Imagens Indígenas (UFES), membro da Assembleia Geral do Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e assessora da Associação Indígena Baía das Onças.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 04 *Emani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Kilip
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krichke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Gaciócia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos* – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde* – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *A meia luz: a emergência de uma Teologia Gay* – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 51 *Viências: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Henington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoece: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke

- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes*, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: Iendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatémica* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Mari-nês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Cortêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Cando de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baito
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A phília como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borja da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta

- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lokmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schütz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmiento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimizações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como a lei es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach

- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrantes-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelso Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Liberdade* – Alejandro Rosillo Martinez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxebarria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Humet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *A poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filardi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsumção do trabalho ao capital: rumo à subsumção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo* – Dora Lília Marin-Díaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuitas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneilson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Vigida: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kakoozi Kashindi
- N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
- N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
- N. 258 *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Kanny Bolton
- N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
- N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
- N. 262 *As sociabilidades virtuais globalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
- N. 264 *Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
- N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
- N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
- N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
- N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 *O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza* – Flavio Williges
- N. 272 *Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana* – Rafael Lopez Villaseñor
- N. 273 *Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira* – Celso Gabatz
- N. 274 *Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo* – Acauam Oliveira

- N. 275 *Tendências econômicas do mundo contemporâneo* – Alessandra Smerilli
- N. 276 *Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord* – Atílio Machado Peppe
- N. 277 *O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social* – José Roque Junges
- N. 278 *Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo* – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 *O mal-estar na cultura medicamentalizada* – Luis David Castiel
- N. 280 *Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia* – Alain Gignac
- N. 281 *A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual* – Mário José Maestri Filho
- N. 282 *A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo* – Angela Ganem
- N. 283 *Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome* – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 *Renda básica em tempos difíceis* – Josué Pereira da Silva
- N. 285 *Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras* – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 *O "velho capitalismo" e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço* – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 *A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk* – Itamar Soares Veiga
- N. 288 *Para arejar a cúpula do judiciário* – Fábio Konder Comparato
- N. 289 *A Nova Providência via de transformação estrutural da segurança social brasileira* – Mari-linda Marques Fernandes
- N. 290 *A Universidade em busca de um novo tempo* – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 *Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo* – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 *As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras* – Aloir Pacini
- N. 293 *Mudança de paradigma pós- crise do coronavírus* – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 *O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî* – Faustino Teixeira
- N. 295 *Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer* – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 *O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade* – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 *Escatologias tecnopolíticas contemporâneas* – Ednei Genaro
- N. 298 *Narrativa de uma Travessia* – Faustino Teixeira
- N. 299 *Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver* – Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 *Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução científica na análise econômica* – Armando de Melo Lisboa
- N. 301 *Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular* – Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 *Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas* – Renata Tomaz
- N. 303 *A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre* – Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 *Ártico, o canário da mina para o aquecimento global* – Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 *A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa* – Aline Weschenfelder
- N. 306 *Impactos Ambientais de Parques Edícios no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas* – Rosana Batista Almeida
- N. 307 *História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança* – Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 *Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martin-Baró, Ricoeur e Nietzsche* – Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 *Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental* – Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 *A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo* – Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 *Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica* – Faustino Teixeira
- N. 312 *O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio* – Paulo Abe
- N. 313 *Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro* – José Dalvo Santiago da Cruz
- N. 314 *Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas* – Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 *Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura* – Alexandre Alves



UNISINOS